



PUBLICAÇÃO: 21 DE AGOSTO DE 2017



MUNICIPALIDAD
DEL MES

"Municipalidade do mês":

Este espaço é dedicado a promover o trabalho dos governos locais que participam da Campanha Global "Construindo Cidades Resilientes: Minha Cidade está se preparando". A cada mês, serão apresentadas experiências sobre como os governos locais abordam a gestão de riscos nas Américas. Apresentamos a experiência de:

Plano de Inverno de Petrópolis, RJ, Brasil: preparação para a contingência de seca e incêndio florestal

Petrópolis, RJ, Brasil



Paulo Renato Martins Vaz / Secretário de Defesa Civil e Ações Voluntárias

Petrópolis está localizada no cume da Serra Estrela, na Serra dos Órgãos, região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, a 68 km da cidade do Rio de Janeiro e tem uma população de 305.917 habitantes (2010). De acordo com a classificação climática de Köppen, tem um clima tropical de alta altitude (Cwb), com verões leves e chuvosos que promovem deslizamentos de terra, inundações e rolamentos de blocos rochosos e invernos secos que aumentam a seca e devastadores incêndios florestais em suas grandes áreas verdes preservadas .

Desta forma, a Cidade de Petrópolis, através de sua Secretaria de Defesa Civil e Ações Voluntárias, organizou pela primeira vez o Plano de Inverno do município, onde, por meio do planejamento tático de ações antecipadas e organizadas, articularam-se os diversos órgãos localizados em A cidade e mobilizou seus inúmeros recursos para a contingência de seca e fogo florestal. Como consequência, foram desenvolvidos planos específicos para lidar com essas ameaças de desastre com matrizes de atividade / responsabilidade em que cada instituição envolvida saberá o que fazer em um possível momento de crise, tudo de forma negociada e bem antes do período crítico.



O trabalho foi desenvolvido durante os três meses do outono e lançado no início do inverno de 2017. Para tornar as atividades de planejamento mais produtivas, foram formados sete grupos setoriais e realizaram-se reuniões específicas com cada um deles, a saber: Governança, Ao fogo, à repressão e à inspeção, Legislativo, Apoio, Comunidades e Produtores Rurais. Dois exercícios simulados foram realizados para fazer os planos. No total, 77 organizações governamentais e da sociedade civil e 231 pessoas participaram do experimento que pode ser acessado através de uma plataforma virtual: www.mindmeister.com/914719051

FONTE:<http://eird.org/americas/municipalidad-del-mes/agosto-2017.html#.WZeePT6GPIU>



Como tornar as cidades mais resilientes: um manual para líderes do governo local

Este Manual é projetado principalmente para líderes de governos locais e decisores políticos. Ele busca apoiar políticas públicas e tomadas de decisões para que possam implementar atividades para reduzir o risco de desastres e criar **resiliência**. Ele estabelece orientações práticas para colocar em ação o "Ten Essentials for Making Cities Resilient".

Este Manual mostra o conhecimento e a experiência de várias cidades parte da Campanha Resiliente Global Making Cities. Responde ao apelo a um melhor acesso aos recursos de informação e conhecimento e ferramentas para lidar eficazmente com os impactos dos riscos naturais e as mudanças climáticas. **Ele fornece uma visão geral das principais estratégias e ações como parte de uma estratégia global de desenvolvimento urbano sustentável.**

O anexo deste manual contém links para ferramentas, recursos e exemplos de cidades parceiras. Uma plataforma de informação baseada na web, onde as cidades e os governos locais podem compartilhar suas próprias ferramentas, planos, regulamentos e práticas complementam o Manual.

FONTE:[http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/documents/guidelines/Hanbook%20for%20local%20government%20leaders%20\[2017%20Edition\].pdf](http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/documents/guidelines/Hanbook%20for%20local%20government%20leaders%20[2017%20Edition].pdf)



Combate às mudanças climáticas deve levar em conta dinâmicas populacionais, diz agência da ONU

Jaime Nadal, do UNFPA, abordou vínculos entre crescimento populacional, padrões de consumo e mudanças climáticas.

As mudanças climáticas não podem ser pensadas sem levar em conta o crescimento demográfico e os padrões de consumo das comunidades, alertou nesta semana (16//08/2017) o representante do Fundo de População das Nações Unidas (**UNFPA**) no Brasil, Jaime Nadal. Especialista participou da conferência “Diálogo Mercosul-União Europeia sobre mudanças climáticas, segurança energética e alimentar”, promovida em Brasília.

“Quando se compara o aumento das emissões dos gases do efeito estufa e o crescimento demográfico, percebe-se um paralelismo. Eles crescem juntos aos longo dos anos”, afirmou Nadal.

O diretor nacional do UNFPA enfatizou que já são visíveis os impactos das tendências de consumo das populações e do aumento populacional sobre a disponibilidade de recursos. Todavia, explicou o representante, o crescimento demográfico não é o vilão em si. O problema maior é a forma como se produz e se consome no mundo.

“As evidências confirmam, cada vez mais, que a questão central para o meio ambiente não é o simples crescimento populacional. A dinâmica populacional impacta e é impactada pelo meio ambiente”, acrescentou Nadal. “Ao mesmo tempo, percebe-se que tem crescido a capacidade tecnológica para a manutenção do bem-estar da

população, a capacidade do ser humano de inovar nos recursos necessários para a sobrevivência.”

Também presente, o coordenador residente do Sistema ONU no Brasil, Niky Fabianic, alertou que, “se nada for feito para mitigar o aumento da emissão dos gases do efeito estufa, o futuro será comprometido”. “Mas é possível, com planejamento, reduzir as calamidades e **aumentar a resiliência**”, disse.

O embaixador da União Europeia no Brasil, João Gomes Cravinho, elogiou as iniciativas das Nações Unidas para combater as mudanças climáticas. “Os esforços da ONU ao longo dos últimos anos têm sido intensos e com resultado notáveis, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o Acordo de Paris. Agora, cabe aos Estados e à sociedade cumprir os acordos comuns. E isso depende fundamentalmente de encontrarmos formas de cooperar entre os países”, afirmou.

O evento em Brasília foi organizado pelo Programa Regional de Segurança Energética e Mudanças Climáticas na América Latina (EKLA), da Fundação Konrad Adenauer (KAS), o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) e o Instituto de Pesquisa em Meio Ambiente, Segurança Energética e Desenvolvimento Sustentável (AMENDS), a ONU Meio Ambiente e a União Europeia.

FONTE: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/noticias/ultimas/1632-e-preciso-considerar-fortemete-a-populacao-quando-se-fala-em-mudancas-climaticas>



Tornados na Europa, uma ameaça subestimada

O impacto social e econômico dos tornados na Europa é analisado através de relatórios de tornados da base de dados meteorológica severa europeia entre 1950 e 2015. Apesar do que muitas vezes é assumido pelo público em geral e até mesmo por meteorologistas e pesquisadores, os tornados ocorrem na Europa e estão associados Com lesões, mortes e danos, embora suas frequências e intensidades relatadas sejam menores em comparação com os Estados Unidos. Atualmente, a ameaça de tornados para a Europa está subestimada. Poucos serviços meteorológicos europeus desenvolveram e mantiveram bases de dados de tornados, e ainda menos emitiram avisos de tornados.

Este artigo resume a nossa compreensão atual da ameaça de tornado para a Europa, mostrando as mudanças em feridos e mortes por tornado desde a década de 1950 e estimando pela primeira vez os danos associados aos tornados europeus.

Para aumentar a conscientização sobre os tornados e sua ameaça para a Europa, os pesquisadores propõem uma estratégia que inclua

1. Colaboração entre serviços meteorológicos, pesquisadores e público em geral para uma base de dados pan-europeia;
2. Desenvolvimento de sistemas nacionais de previsão e alerta e de perspectivas convectivas pan-europeias; e
3. Desenvolvimento por decisores e gerentes de emergência de políticas e estratégias que incluem tornados.

FONTE: <http://journals.ametsoc.org/doi/10.1175/BAMS-D-16-0171.1>



Cinco mitos sobre violência sexual em emergências



As equipes humanitárias móveis estão chegando a milhares de mulheres afetadas pelo conflito na Ucrânia, com foco especial em sobreviventes de violência de gênero. Crédito: UNFPA / Maks Levin

Em todo o mundo, milhões de civis estão presos em conflitos armados, escondendo e correndo por suas vidas em meio a destruição generalizada. Para o [Dia Mundial da Humanidade](#) deste ano, em 19 de agosto, a comunidade global está se unindo para reafirmar que os civis são [#NotATarget](#). Neste relatório, o Fundo de População da ONU, [UNFPA](#), explica como a violência sexual é usada, principalmente contra mulheres e meninas em conflitos, e o que pode ser feito para capacitar e apoiar os sobreviventes.

A violência sexual é generalizada em todo o mundo. Isso é verdade mesmo em tempos de paz e estabilidade, mas cresce durante crises humanitárias. Em conflitos, os corpos das mulheres podem se tornar campos de batalha, com o estupro usado para humilhar e dominar. Os sistemas de proteção também colapsam durante desastres naturais, as mulheres e meninas são vulneráveis. E o casamento infantil, uma forma de violência baseada no gênero, muitas vezes é visto como um mecanismo de enfrentamento entre as famílias afetadas pela crise.

Contudo, os equívocos comuns sobre a violência baseada no gênero acabam por estigmatizar os sobreviventes e minar os esforços para manter as pessoas seguras.

Abaixo, o UNFPA aborda cinco perigosas percepções erradas sobre a violência baseada no gênero.



Uma "parede de citações" no centro de sobrevivência apoiado pelo UNFPA em Dohuk, no Iraque, mostra mensagens de força e apoio de sessões de aconselhamento. Crédito: Turchenkova / UNFPA Iraque

Mito 1: as vítimas de violência baseada no gênero são desamparadas

As pessoas que vivenciam violência baseada em gênero são muitas vezes retratadas na mídia como frágeis, fracas e perturbadas. Na verdade, essa expectativa de desamparo é prejudicial aos sobreviventes.

As pessoas que sofrem violência reagem de forma infinita de maneiras. Alguns estão bravos, outros estão angustiados. Alguns não têm nenhuma reação externa óbvia. Os pressupostos equivocados sobre como os sobreviventes devem agir levam as pessoas a duvidar de relatos verdadeiros da violência.

O FNUAP considera que aqueles que sofrem violência de gênero são sobreviventes em vez de vítimas, capazes de não apenas de recuperação, mas também de ação e liderança.

Os sobreviventes de violência baseada no gênero podem e devem ser capacitados. Os sobreviventes são os melhores para articular suas necessidades e explicar seus desafios, que podem incluir estigma, falta de serviços judiciais, acesso insuficiente à assistência médica ou falta de renda para acessar os serviços de que necessitam.

Feito certo, os programas podem ajudar as mulheres a encontrar proteção contra a violência, exigir a aplicação da lei e adquirir as habilidades para se sustentarem e suas famílias.

Alguns sobreviventes irão se tornar advogados para mulheres e meninas.



O UNFPA fornece kits de tratamento de estupro e outros suprimentos essenciais de saúde em áreas onde a violência sexual é generalizada. Crédito: UNFPA / Tim McKulka

Mito 2: Nos desastres humanitários, intervenções que salvam vidas, como comida e abrigo, são mais críticas do que as respostas à violência sexual e de gênero.

A violência baseada no gênero é muitas vezes marginalizada como uma "questão das mulheres" e tratada como uma consideração secundária na ação humanitária.

No entanto, abordar a violência baseada no gênero salva vidas e é uma prioridade em todas as respostas de emergência.

A própria violência sexual pode ser, e muitas vezes, é fatal. Após a violência, os sobreviventes podem suportar consequências - como deficiência ou estigma - que impedem que eles atinjam serviços que salvem vidas. E até mesmo o medo da violência pode ser mortal, mantendo as mulheres e as meninas a reunirem lenha ou fazendo filas por comida.

Mas os programas para enfrentar a violência oferecem proteção em todas as etapas.

O tratamento da estupro previne a transmissão do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis. A contracepção de emergência impede gravidezes não intencionais, que são especialmente perigosas em um ambiente humanitário.

E a prevenção da violência também pode salvar vidas. Por exemplo, o UNFPA distribui kits de dignidade para mulheres e meninas vulneráveis, que incluem não só sabão e guardanapos sanitários, mas também lanternas e rádios para navegar com segurança em uma crise.



Uma mulher deslocada da Taizz, no Iêmen, recebe um kit de dignidade contendo suprimentos de higiene e outros itens. Os kits de dignidade podem conter lanternas, rádios e outros suprimentos relacionados à proteção. Crédito: UNFPA Iêmen

Mito 3: os humanitários só podem agir quando há provas de violência sexual.

Muitas vezes acredita-se que é necessária evidência antes que os humanitários possam tomar medidas ou comprometer fundos para enfrentar a violência baseada no gênero. De fato, ***a exploração sexual, a violência entre parceiros íntimos e outras formas de abuso são uma ameaça conhecida em todas as situações de emergência.***

Mesmo em tempo de paz, reunir provas é um desafio porque a vergonha, o bullying e o medo mantêm os sobreviventes em silêncio e porque os relatórios de abuso são rotineiramente questionados ou rejeitados. Em um cenário de crise, essas condições são ainda mais pronunciadas.

Mas sabemos que o deslocamento e a quebra dos sistemas de proteção agravam o risco de violência. A violação e outras formas de violência sexual foram documentadas como táticas de guerra em todos os conflitos recentes.

Ninguém pergunta quando os humanitários preparam comida, tendas ou suprimentos médicos antes de um tufão, esperando que esses suprimentos salvem vidas. A mesma lógica deve se aplicar aos programas que previnem e enfrentam a violência baseada no gênero. Não é ético esperar a prova de abusos em grande escala; A ação deve ocorrer nos primeiros momentos de uma resposta de crise.



Os assistentes de casos fornecem aconselhamento e outra assistência em um centro de mulheres apoiado pelo UNFPA no estado Kachin de Myanmar. Crédito: Yenny Gamming / UNFPA

Mito 4: abordar a violência baseada no gênero significa impor idéias e valores a outras culturas.

A violência baseada em gênero existe em todos os países, cultura e comunidade. **É o abuso de direitos humanos mais difundido, porém menos relatado, no mundo, afetando cerca de 35% das mulheres**. Homens e meninos também experimentam violência de gênero. Isso é verdade em todos os lugares.

Essa violência é quase universalmente reconhecida como inaceitável e errada. A maioria dos atos de violência baseada no gênero - embora não todos - são proibidos pelos governos de todo o mundo. Uma ampla gama de instrumentos e convenções internacionais também reconhecem a violência baseada no gênero como uma violação dos direitos humanos.

Os governos nacionais são responsáveis por proteger seus cidadãos contra a violência baseada em gênero relacionada ao conflito. O UNFPA trabalha com governos e autoridades locais para apoiar respostas e prevenção que são. Por exemplo, o UNFPA treina oficiais da polícia, advogados e juizes para assegurar a aplicação das leis nacionais.



As mulheres grávidas visitam um centro de saúde em um campo de proteção em Juba. Os serviços humanitários devem ser providenciados de forma a minimizar os riscos para mulheres e meninas. Crédito: UNFPA Sudão do Sul / Arlene Calaguian Alano

Mito 5: apenas especialistas podem abordar a violência sexual.

Sobreviventes de violência baseada no gênero requerem assistência sensível e especializada. O UNFPA - que lidera a coordenação da prevenção e resposta à violência em emergências - apoia muitos desses serviços, incluindo tratamento médico confidencial, aconselhamento culturalmente sensível e espaços seguros.

Mas isso não significa que apenas especialistas possam ou devem responder à violência sexual. Todos os respondentes humanitários têm a responsabilidade de tomar medidas que minimizem os riscos para mulheres e meninas.

Por exemplo, grupos de ajuda que fornecem água limpa podem garantir que haja pontos de distribuição suficientes para evitar que mulheres e meninas viajem por distâncias longas e perigosas para chegar às bombas. Os grupos de ajuda que estabelecem latrinas de acampamento podem garantir as vias e caminhos para eles, estão bem iluminados, para minimizar os ataques.

Para cumprir seu dever mais básico: servir os mais vulneráveis - todos os humanitários devem estar empenhados em acabar com a violência baseada no gênero.

FONTE: <https://medium.com/humanitarian-dispatches/dispelling-five-myths-about-sexual-violence-in-emergencies-e5a8f3ead7b9>

EVENTOS



CONGRESSO INTERNACIONAL DE BOMBEIROS E EMERGÊNCIAS

DATA DO EVENTO: 13-15 DE SETEMBRO DE 2017 | *LOCAL:* CENTRO DE CONVENÇÕES PUC GO

O maior evento da América Latina para bombeiros e profissionais de segurança, saúde e engenharia ligados a emergências acontecerá em Goiânia, Goiás, Brasil.

A edição 2017 do **Congresso Internacional de Bombeiros e Emergências** é uma realização do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás em parceria com entidades não governamentais, com suporte oficial das associações internacionais de bombeiros, como a Organização dos Bombeiros Americanos. O principal objetivo é reunir profissionais das mais variadas áreas de atuação, como bombeiros, policiais, profissionais da saúde, engenharia, segurança do trabalho,

apresentando novas tecnologias e promovendo o intercâmbio comercial entre as empresas nacionais e estrangeiras.

Os organizadores do evento se preocupam em atender às expectativas dos participantes, produzindo um evento com amplo espaço de articulação, construção do conhecimento e troca de experiências. Nós, bombeiros, primamos pela excelência dos serviços prestados e queremos que você faça parte do nosso dever! Esse chamado é para você e a oportunidade de estar conosco está em suas mãos. E essa chama, você precisa manter acesa!

CIBE BRAZIL 2017

Congresso Internacional de Bombeiros e Emergências

<https://cibebrazil.com/cibe-brazil/>



Bacharel em Engenharia Ambiental e Gestão de Desastres

Descrição

Recentemente, os problemas ambientais globais tornaram-se um problema de crise, especialmente devido ao desenvolvimento industrial e desastres causados por riscos naturais. Em resposta, a Divisão de Engenharia da Universidade de Mahidol, Campus de Kanchanaburi, desenvolveu um programa integrado entre engenharia ambiental e gestão de risco de desastres. Esta fusão de duas disciplinas permitirá a aplicação do conhecimento em situações reais, a fim de prevenir e aliviar os problemas experimentados pelas comunidades devido a crises ambientais, incluindo desastres de riscos humanos e naturais.

Este programa integrado se concentra em conhecimentos teóricos e aplicáveis e os graduados do programa receberão o grau de B.Eng. (Engenharia Ambiental e Gestão de Desastres). Este programa visa produzir engenheiros ambientais, que terão experiência em gerenciar a poluição industrial e o risco de desastres por riscos naturais ou induzidos pelo ser humano. O programa é certificado pelo Conselho de engenheiros da Tailândia, que concede aos graduados uma licença de prática profissional em engenharia ambiental.

Os alunos também podem optar por participar de programas de educação cooperativa para trabalhar nas fábricas industriais de contatos da universidade ou organizações relacionadas por um semestre (aproximadamente 4 meses). Este programa de educação cooperativa ajudará os alunos a experimentar um ambiente de trabalho real, aplicando seus próprios conhecimentos e habilidades sociais.

Cobertura geográfica

Global

FONTE: <http://ka.mahidol.ac.th/division/engineering/curriculum.html>

